



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL DE05582008GRC



# Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo  
Director: Padre João Rosa  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

12 de Setembro de 2009 • Ano LXVI • N.º 1709  
Preço: € 0,33 (IVA incluído)  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa  
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt  
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

## BENGUELA

Padre Manuel António



## Sabedoria inteligente do coração

É segunda-feira. A Palavra que, ontem, escutei permanece muito viva na minha mente e no coração: «A religião pura e verdadeira está em socorrer os órfãos e as viúvas». Quem são? Todos os que padecem necessidades. Não é preciso procurá-los. Batem-nos à porta, todos os dias. Deste modo, a palavra do Livro Santo não é, apenas, escutada, mas cumprida. Quem dera assim fosse sempre conosco!

Eram três mulheres, nessa manhã de Domingo, à procura de solução para os seus problemas. A viúva deixou os filhos em casa. São a única riqueza que tem. Veio do interior do país, depois da morte do homem com quem vivia. Com uma criança ao colo, outras agarradas às suas mãos e à pobre saia com que se cobria, pediu ajuda para viver. Todas as semanas é atendida. Desta vez, porém, pede mais. Quer trabalho. Não se sente bem a receber a esmola, porque é nova e tem forças para trabalhar. Quer pôr a render o seu capital humano. Tem razão. É o caminho mais digno e mais seguro. Foi por aí que pusemos aos nossos ombros uma carga bem pesada, no tempo da maior violência da guerra. Esta mulher viúva já está a trabalhar no nosso campo. Ficou tão contente que, ao seu jeito, se rebolou pelo chão, em sinal de gratidão e alegria, com as lágrimas nos olhos. Este povo simples vence todas as resistências dos corações, unicamente para ser amado. Quem dera o vosso coração se deixe contagiar, de tal modo que o egoísmo e a indiferença se transformem em generosidade!

Tivemos, há dias, a visita dum grupo numeroso de estudantes universitários. Vieram para nos conhecer. Alguns eram pais de família. Fizemos o apelo a todos para a entrega das suas vidas aos filhos. São o primeiro e o grande livro, onde os filhos aprendem a fazer a sua história. A desgraça de muitas crianças começa na família, onde a falta de unidade e estabilidade cria o vazio que as projecta na marginalidade. Outros alunos estão a preparar-se para a docência nas escolas. Pedilhes com muito empenho que se examinassem para saberem se nos seus corações está lançada a semente do amor para com os seus alunos futuros. De contrário, deixem esse caminho, pois jamais serão felizes. A construção das pessoas faz-se com a ciência e a técnica, animadas pelo amor. Aqui está a alma de toda a educação. Que o digam tantos filhos e filhas, criados pela multidão de pais e mães, sem a ciência e a técnica dos livros, mas com a sabedoria inteligente do coração. Autêntico dom do Pai.

Que riqueza guardada nas ciências humanas, ao serviço da educação, quando o amor autêntico se torna fogueira a irradiar o calor humano de que todos os corações necessitam! Mais do que todos os corações das crianças! Felizes filhos! Felizes alunos! Pais felizes! Professores felizes! Unicamente com a ciência que ama! □

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

## Um copo de água

A nossa fonte, sem dúvida nenhuma, entre nós, é um dos locais mais preferidos; e, por isso, de maior movimentação, em especial, nos dias mais quentes.

Situada na parte antiga da Casa, entre a casa-mãe e a sala de jantar, ao lado de um corredor coberto, é um pólo de atracção fantástico para toda a nossa Família; e não só.

Do amanhecer até ao crepúsculo, é um corripio de visitantes, desde vizinhos a outros a quem foram passando recado. Vêm encher o seu vasilhame, atraídos pelo líquido precioso, que não trocam por outras águas. E aproveitam para dois dedos de conversa. O Evangelho fala de *um copo de água...* Por cá, já foram albufeiras que jorraram do nosso veio de água para tantos sequiosos.

Se o fio de água é reduzido, algumas folhas do jardim próximo, em especial das hidrâneas, são cortadas para aproveitar mais água, na meia cana donde brota. Quando há mais gastos domésticos e pecuários, a fonte deixa de pingar, pois a derivação do reservatório é superficial.

Pai Américo deixou-nos esta grande riqueza, na quinta, desde 1942, conforme inscrição, em azulejos pintados, que outrora decoraram o arco do fontenário. Foi explorada a longa distância, no olival da mina, e encanada até um belo poço, a poente, no amplo largo da nossa Casa.

No caimento, da nossa fonte, encontra-se um pequeno tanque, para aproveitamento das águas sobranes, escorridas nomeadamente até um poço de rega, num jardim, adjacente à horta. A sua profundidade é diminuta. E ainda bem, porque os mais pequenos deliraram a chapinhar nessa água. Mal a temperatura sobe, nos termómetros, não resistem a aproximar-se dessa zona. Para além da piscina, precisam de se refrescar e de lavar as mãos e a cara. Os narizes do Paulo e do Luís Miguel pingam que se fartam. Não vá que sejamos acusados como *alguns discípulos de Jesus que comiam com as mãos impuras*. Todos adoram chegar à bica e beber umas goladas de água fresca, com as mãos abertas. Uma vez, entre tantas, o Divino atirou água ao rosto, risonho, e depois vai-se gabando à mesa, com alguma verdade, que não faz chichi na cama.

Com esta tentação diária, no jantar, aqueles que padecem de enurese, são obrigatoriamente abstemios, de água, à noite. Senão, não há lençóis que resistam a tais *bombeiros involuntários*.

No tal tanquito, mergulham, várias vezes, objectos, como carrinhos e até copos de inox, deslocados da copa. Alguns Rapazes são mais fidalgos, pois não querem beber directamente da fonte. E subtraem, sistematicamente, esses

pequenos recipientes, que dificilmente têm regresso, e se acumulam ou perdem, senão acontecem intervenções atempadas. É certo que não se partem com as quedas e até são higiénicos. A propósito, os nossos filhos não comem nem bebem em louça de *latão*...

A transparência daquela água, no dito depósito, deixou ver, há dias, um dos copos, de serviço, no fundo. O garoto que não o segurou ou atirou, não se atreveu a retirá-lo; pois, não tinha bracitos para tal empreendimento. Quantas vezes, alguns pequenos se aproximam da senhora para pedir outra muda de roupa, que nem pintainhos à chuva.

Nas refeições, quando falta água, alguns filhos barafustam. Depois, lá vem um refeiteiro, como o Arménio, aflito, carregado de jarros a transbordar. Ainda bem que vão ganhando este bom hábito, de beber água. De uma vez, um Padre do deserto recomendou: *Se tiveres fome, come; se tiveres sede, bebe. Mas, não digas mal de ninguém*.

O fenómeno do alcoolismo é preocupante, em muitos países, como a Rússia e o Reino Unido. Em Portugal, os dados recentes indicam que um terço dos jovens portugueses, entre os 13 e os 17 anos, são consumidores activos de bebidas alcoólicas. Está em voga a ingestão rápida de bebidas com elevado teor alcoólico e de bebidas destiladas.

Que seria desta Família, nesta Casa, sem a sua preciosa fonte e a Fonte de Água Viva? Ninguém pode passar sem esta Água, puríssima, que sacia quem dela se aproxima, pela sua leveza e sabor! □

## DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

UM dos rapazes aproximou-se e disse-me: — *A minha mãe vai-lhe telefonar para fazer a transferência da escola, para eu ir viver com ela.*

Escutei... Desde pequenino que está conosco... Depois perguntei-lhe da situação actual da mãe. Com ela vivem três irmãos do nosso. Todos, incluindo a mãe, ocupados em cursos profissionais de cozinha e serviço de mesa, concluídos ou em frequência, devidamente subsidiados, de que lhes vem o sustento para viver. Quando concluídos, se não tiverem emprego, o curso feito garante-lhes continuarem a receber subsídios do Estado que serão o seu meio de subsistência.

São quatro pessoas, a depender de subsídios e, pelo que se vê, sentem-se seguras e não dependentes. Havendo mais pessoas no agregado, não parece causar-

-lhes qualquer transtorno. Estranha segurança.

Esta situação recorda-me uma outra. Era um rapaz que vivera conosco alguns anos. Tendo regressado por iniciativa própria à sua terra, logo obteve um subsídio para se sustentar. Mais tarde, perante uma oferta de trabalho, foi aconselhado, por quem acompanhava a sua situação de subsidiado, a manter-se assim pois o ordenado que iria ganhar era inferior ao valor do subsídio que recebia.

Ainda uma outra situação. A de dois pequenos nossos que, por ordem superior, se foram juntar ao pai em país estrangeiro. Isto permitiu ao progenitor passar a ter o rendimento para viver, cumprindo unicamente a tarefa de cuidar dos filhos.

Noutros casos que conhecemos, são menos favoráveis aos assistidos. São pobres que nós

procuram, e que por já não terem idade ou saúde para fazerem os ditos cursos, têm de se contentar com pequenos subsídios, quais parcas pensões de invalidez, já que dificilmente terão possibilidade de terem o pão como fruto do seu trabalho.

Voltemos ao nosso rapaz. Não é este espírito de dependência, que já ganhou raízes nestas sociedades em que vivemos, que queríamos que animasse a sua vida. O espírito empreendedor é sempre o mais benéfico e saudável tanto para o indivíduo como para a sociedade. Queríamos que as suas mãos fossem criadoras de riqueza e não mãos que mendigam o sustento para viver.

A mentalidade assistencialista, qual *pau de dois bicos*, faz-nos andar para trás, e voltar ao tempo da triste e desumana caridadezinha. □

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

**FAMÍLIA** — Quando Deus encarnou como ser humano e veio a este mundo, sendo Deus, podia tê-lo feito de muitas maneiras. Escolheu uma que foi nascer e crescer no seio de uma Família. Quando estava para deixar este mundo, encarregou o seu discípulo preferido de cuidar de Nossa Senhora. Se a tradição for verdadeira, o discípulo fez isso bem procurando para Nossa Senhora uma casinha acolhedora, num lugar aprazível da encosta do monte que circunda a cidade de Éfeso, com uma linda vista para o calmo Mar Mediterrâneo.

A mensagem que Deus nos quis, assim, deixar é óbvia: a família é algo que deve ser muito importante para nós; é o lugar onde, se for possível, devemos nascer e ser cuidados enquanto crianças e, depois, crescer e viver até ao fim dos nossos dias neste mundo, quando voltamos a precisar muito dos outros para cuidarem de nós.

O que é que isto tem a ver com a nossa Conferência e com as Conferências Vicentinas, em geral? Tem tudo a ver. O cerne da acção vicentina é a ajuda a quem precisa através da visita domiciliária. Por isso, o que os Vicentinos ajudam e "visitam" são famílias, ou o que resta delas, lá onde elas vivem e como vivem. O que os Vicentinos procuram fazer é ajudá-las naquilo de que podem precisar para serem melhores famílias. Pode ser a ajuda material quando as famílias têm dificuldade em assegurar a função de sustento dos seus membros, mas não é sempre assim e, nos dias que correm, é cada vez menos assim. Se a ajuda material continua a ser precisa com frequência, também é precisa, cada vez mais ajuda, no sentido de levar as famílias a saberem educar os seus filhos e a cuidar dos seus idosos da forma que Deus nos ensinou através do exemplo da Sagrada Família. Os tempos não vão de feição para este tipo de intervenção e o tipo de ajuda de que aqui estamos a falar é bem mais difícil de ministrar como deve ser, do que a simples ajuda material. De qualquer maneira, lá vamos tentando fazer como podemos e sabemos, quando isso é necessário.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

## PAÇO DE SOUSA

Zé Reis

**ESCOLA** — Os dois rapazes que passaram para o 10.º ano, foram matriculados na Escola Secundária e Terceiro Ciclo Carolina Michäelis, Porto, ambos na área de ciências e tecnologias. Os outros dois que ficaram retidos no 9º ano, um ficou matriculado na Escola Básica de Paredes, no curso de Bombeiro, o outro entrou na Escola Secundária Infante D. Henrique, no Porto, no curso de informática. Com a chegada do início do ano escolar, o «Almeidinha» ficou encarregue de tratar da encomenda dos livros escolares.

**PRAIA** — Na quarta-feira, 2 de Setembro, chegou o terceiro turno após duas semanas de descanso. Tiveram um óptimo tempo meteorológico. Foram acompanhados pela D. Adelaide e D. Fernanda.

**CASA** — Antes do início das aulas fazem-se as últimas limpezas à nossa Aldeia, principalmente na nossa mata magnífica. Alguns rapazes estão à procura do primeiro emprego, como sabemos não está fácil arranjar emprego mas como aqui aprendemos a fazer tudo um pouco e a trabalhar com dignidade e humildade, vão conseguir arranjar mesmo se não for no curso que tiraram.

**IDA ÀS FAMÍLIAS** — Alguns dos nossos rapazes foram visitar as suas famílias e o seu conterrâneo. Já regressaram, mas ainda faltam seis. Para os rapazes das outras Casas do Gaiato, um grande abraço.

Zé Reis

## MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

**AGRO-PECUÁRIA** — Não devemos deixar as terras a monte. Assim, continuou a tarefa do milho. Depois de fazermos os maranhos, das folhas, fomos recolhendo num palheiro a palha das pontas, que esteve a secar. Os terrenos onde foi semeada a aveia, aguardam oportunidade para as lavouras. As canas são uma infestante, que vai exigindo cortes, para não se propagarem.

As abóboras, que foram semeadas no pomar e noutros terrenos, estão a crescer bem, para depois serem apanhadas.

**FÉRIAS ESCOLARES** — Estão a terminar as chamadas férias grandes, de Verão. Houve dois turnos, na Praia de Mira, de três semanas cada um. O segundo turno regressou a 20 de Agosto. Com a comunidade toda reunida, houve dificuldades em pegar ao trabalho e deixar o ambiente de férias, com a reflicção do costume, de alguns mais crescidos.

O Rui Rodrigues foi contemplado com uma viagem a Cholet, França, de 2 a 6 de Setembro, atribuída pelo Município a alguns alunos de Miranda do Corvo.

**ESCOLA** — A nossa Escola vai iniciar o ano escolar, em meados de Setembro, e ainda bem que continua as suas actividades. Desde que foi criado um Posto de Ensino, nunca foi interrompido, até ao momento, o Ensino Primário, agora 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Neste ano lectivo, 2009/2010, foi achado melhor que o serviço de refeições funcionasse no próprio edifício da Escola, que tem espaço suficiente para isso. Obrigamos a obras de adaptação, para que houvesse refeitório e secções de apoio.

Aguardamos que venham os professores para dar as aulas às duas turmas, do 1.º ao 4.º ano, com cerca de 40 alunos. Esperamos que haja bom aproveitamento e comportamento.

**LAR DO GAIATO DE COIMBRA** — Brevemente, os Rapazes que vão estudar para Coimbra, irão residir, durante a semana, no nosso Lar do Gaiato de Coimbra, na Travessa Padre Américo, próximo da Av. Dr. Dias da Silva. Esperamos que estudem e se portem bem. □

# Pelas CASAS DO GAIATO

## BENGUELA

**PAUSAS PEDAGÓGICAS** — Continuam as pausas pedagógicas. Estamos na segunda semana, prestes a começar o último trimestre. É o trimestre de maior salvação para muitos estudantes que não começaram bem o ano lectivo. Como se tem dito é «a tábuca da salvação» para quem se quer salvar.

Enquanto as aulas não começam continuamos a aproveitar com as nossas actividades específicas para essas pausas pedagógicas. Temos um programa estabelecido e elaborado pelos chefes em conjunto com o senhor padre e o nosso irmão Sísimo, e o José Luís, onde cada um está inserido consoante a sua casa. Já se passou a primeira semana que foi bem aproveitada pelos nossos rapazes e foi uma semana positiva. Agora vamos entrar na última semana de pausa pedagógica. Ali vamos cumprir alguns programas para esta semana como ir ao Biópio, conhecer a fábrica da Soba Catumbela. Este programa é específico para a gente mais crescida, para a gente mais nova tem a tarde Desportiva, o grande campeonato de cartas, como conhecer uma das emissoras, concretamente a Rádio Benguela e ainda os nossos Batatinhas já conheceram uma Tipografia, e eles gostaram muito.

Os nossos rapazes estão muito contentes com estas actividades porque cada um tem colaborado para que essas actividades sejam bem aproveitadas.

**VISITA** — No sábado, recebemos a visita dos estudantes da Universidade Católica do Lobito, com o objectivo de conhecerem a nossa Casa e o nosso quotidiano. Visitaram principalmente as nossas oficinas, as camaratas, e o nosso polivalente.

Também ainda alguns dos visitantes tiveram contacto directo com os nossos rapazes.

Os nossos rapazes gostaram muito da visita e esperamos que nas próximas oportunidades venham de novo visitar-nos. Obrigado pela vossa visita.

**RAPAZ NOVO** — Temos muitos pedidos de entrada de rapazes, mas infelizmente a falta de vagas não tem possibilitado. Mas, desta vez, ao nosso Bebucho de 10 anos de idade que veio do Bairro chamado Calombo a sorte bateu-lhe à porta. Assim aconteceu na semana passada recebemo-lo com muito carinho, e esperemos que ele goste da nossa casa e também goste dos novos amigos.

**BRINCADEIRA MALUCA** — O nosso Padre Manuel tem avisado sempre, no fim da nossa oração, para sermos mais irmãos uns dos outros, prevenindo as brincadeiras chamadas malucas. Porque brincadeiras daquele género só causam acidentes. Desta vez aconteceu ao nosso pequeno Bange que foi muito teimoso. Na quarta-feira teve que ir ao hospital para lhe meterem o gesso no braço direito porque partiu esse braço.

Acredito que serviu de uma boa lição para todos, que a teimosia tem o seu preço.

César Daniel «Massauro»

**DESPORTO** — É já esta semana (05.09.09), que começa a segunda volta do nosso campeonato Zonal, o chamado «zona F». Depois do Manecas (técnico adjunto), o Pedro Garcia (defesa central), o Kandimba (guarda redes) e eu (técnico princi-

pal) termos participado na reunião organizada pela Associação Zonal de Futebol (AZF), decidimos reunir também a nossa equipa para fazermos alguns acertamentos. Desta participou o nosso padre Manuel (presidente), alguns jogadores e adeptos.

Começou por se informar acerca dos pormenores destacados na reunião da Associação e analisou-se alguns aspectos positivos e negativos que se faziam sentir quer seja no campeonato, como na equipa.

É de louvar pelas capacidades, habilidades e bom futebol (o colectivismo) que os jogadores tem apresentado.

Penso eu, pela posição em que nos encontramos na classificação geral, com 38 pontos, em 5º lugar e 42 pontos o 1º classificado, se todos colaborarmos no sentido positivo, levaremos o nosso barco a um bom porto.

Pediu-se mais responsabilidade por parte de alguns jogadores (não cometer faltas desnecessárias, fazer «ronha», dirigir palavras contra o árbitro em vez de se jogar, promover agressões físicas...) e pontualidade. São pormenores que, continuando com os mesmos, não alcançaremos sucesso no fim de tudo. Já que é o nosso objectivo.

Acordámos que todo aquele que procedesse fora do normal ficaria afastado da equipa para não manchar a imagem dos demais.

Assim terminámos a reunião com algumas palavras airoas do nosso presidente: «Tudo o que a gente fizer, vai-se reflectir sobre a Casa. Ou seja, ao fazermos algo, devemos pensar na imagem da Casa do Gaiato».

Desde já mando um grande abraço ao Padre Carlos.

«Zé Simões»

## SETÚBAL

Danilo Rodrigues

**TRABALHO** — A nossa Casa na Arrábida tem sofrido várias alterações ao longo destes últimos dias, principalmente no nosso sótão, nos quartos e na esplanada.

Retirámos também alguns aparelhos de grande porte que estavam na cozinha. E, no sótão, encontravam-se uns enormes e pesadíssimos depósitos que geriam o aquecimento da água. Com o tempo, estes têm-se vindo a desgastar devido ao calor e à humidade que penetrou nas telhas. Problemas na luz também estiveram, provavelmente, na origem desta avaria.

Sucedeu que os rapazes gostam de ter um banho quente, claro que todos gostam, e não poderíamos suportar mais aquela situação. Com a ajuda e orientação do Sr. Custódio Soldado, com força e dedicação, os rapazes carregaram três depósitos mais pesados e maiores que os que já lá estavam. Foram cerca de dez rapazes, ou mais, para subir os depósitos, um a um, do rés-de-chão até ao quarto andar! Imaginem o peso daquela coisa nos braços deles, escada acima, até ao último andar... Bem, se custou, isso custou que eu sei, porque dias depois, também ajudei a carregar o maior de todos, que estava na cozinha. A mesma dedicação, mas a força já tinha de ser outra. Ou éramos determinados a levar o depósito logo quando o levá-

tássemos, ou então aquilo, se deixássemos cair, poderia ferir seriamente algum rapaz. Por isso, um trabalho destes não foi brincadeira, não. E, depois, no telhado, mesmo em cima, onde estamos a trabalhar, estão os painéis solares que instalámos.

Agora o nosso duche aquecer-se-á conforme o calor do sol transmitido pelos painéis. Estes que são de uma das melhores marcas e empresas de Portugal! E custou algum ainda...

**ESCOLA** — Mas, o grupo de Agosto já está a caminho! Iremos começar o ano escolar em breve.

O trabalho que temos andado a produzir, acredito que servirá como base essencial para a evolução na escola. Só evolui quem quer, mas, claro, para evoluir tem de haver trabalho e, nós aqui ao trabalharmos, vamos ganhando força de vontade própria e autónoma. Logo acho que não será muito difícil para nenhum de nós.

**FÉRIAS** — Com este trabalho todo, fomo-nos perdendo nas férias. Muitos não aproveitaram a praia... Queriam ouvir música, ver filmes, jogar à bola, mas não tinham muito interesse em ajudar, por exemplo, na cozinha, ou nas limpezas dos quartos ou em algo em que pudessem ser úteis. Nem mesmo eu, o crítico, tinha

interesse. Também jogava à bola, dormia e ouvia música, sim senhor. Por vontade própria, não pegava numa vassoura e me punha a varrer a esplanada!... Mas, se o chefe me dissesse: "Danilo, pega aí nessa vassoura e dá lá aí uma varridela nesse lixo, se fazes favor". Quinze minutos depois, estava tudo feito. Não queria varrer, queria era estar sentado mas, se tem de ser, tem de ser!...

**COZINHA** — Também estive uma semana na cozinha, por minha vez, onde desempenhei, impecavelmente, a minha função, creio eu. Nunca me contrariaram, por isso me alimento desta ideia.

No primeiro dia, cheguei atrasado. Andava a testar a senhora, mas quando esta me repreendeu, bem... Atei os cordéis e tive que estar ali, sempre a horas. Havia vezes em que a senhora dizia para estar às 19 horas na cozinha. Cerca de 18 horas e 15 minutos, apresentava-me eu.

Fiz tudo como me mandaram, até fiquei impressionado comigo mesmo! E orgulhoso do trabalho! Se fizesse assim todos os dias, não havia o cansaço para uns nem a molengueira para outros. Todos respiravam do mesmo suor e do mesmo pó. Mas pronto, não é assim. Não acordamos

## MALANJE

Padre Rafael

## Do nosso quotidiano

**C**ONTINUAMOS a trabalhar nas hortas para as fazer produzir e nos mentalizarmos que somos nós mesmos que temos de sustentar a nossa Casa, como em qualquer família. Neste período do ano, intensificam-se os trabalhos de agricultura e os alunos gaiatos do Kessua já começaram a fazer as suas primeiras experiências de cultivo em nossa quinta.

Oriol e Bet partiram, hoje, para Luanda. Aqui deixaram um pedaço de seus corações e, por isso, vamos guardá-lo com a esperança de que um dia venham buscá-lo, como o fazemos com todos aqueles que nos visitaram anteriormente. A disponibilidade que nos mostraram a todo o momento nos ensinaram, uma vez mais, que quando alguém chega a algum lugar e se coloca ao serviço de quem o recebe, é a chave que abre todos os corações. Obrigado por tudo e de nós todos.

No dia de Pai Américo, como em todas as Casas do Gaiato, celebramos na Missa o dom que Deus nos fez através do exemplo da sua vida. Um sacerdote que se deu aos Pobres e que queria para si todos aqueles que a sociedade do seu tempo desprezava. No ambiente respira-se este amor familiar que impregna toda a Obra da Rua e em cada uma das Casas.

Quinsinho, o seminarista gaiato que está no seu penúltimo ano de Seminário, uniu-se à nossa celebração e na Missa recordou-nos que a Casa do Gaiato foi sempre, é e será, a sua família.

Estamos já no fim-de-semana e só falta celebrar a Festa de Padre Américo com os Antigos Gaiatos. Vieram até nossa Casa alguns com seus filhos. Em volta da Mesa da Eucaristia e, posteriormente, no refeitório, tudo decorreu com alegria e a dança que sempre acompanha estas terras africanas. Só cabe lamentar, uma vez mais, a presença do álcool entre alguns dos nossos mais velhos. E nos recordam, uma vez mais, que há muito que trabalhar e remar contra a corrente.

\* \* \*

São 6h00 da manhã, como todos os dias temos que pegar no onibus para levar os estudantes e trazer os trabalhadores. Como o outro está avariado, temos que fazer várias viagens para trazer todo o pessoal. Já são 7h30, hora de tomarmos o café que é preparado, todas as manhãs, pela Montse. Lucas e João não tardarão em chamar da porta, para que Montse lhes guarde uma batata doce pró almoço. Também demorarão em chamar os trabalhadores, mas estes será para

pedir dinheiro adiantado ao Bartolomeu. Entretanto, saboreio o café enquanto penso no que poderá ser o dia de hoje e espero o Joãozinho, o encarregado, para que me conte as novidades.

Começa a experiência em Catete. Partiram para junto do Fernando, antigo gaiato, cinco rapazes para serem incorporados na vida profissional. São eles o Gui-Gui, o Brunex, Soares, Tulho e Dorito. A verdade é que todos partiram com muita garra e muita esperança postas neste projecto. O único problema é que a casa do Fernando dista sessenta quilómetros de Luanda e é mais difícil poder acompanhá-los. Bem, talvez isso seja uma vantagem, uma vez que dependerão mais de si mesmos. Parti para Luanda para deixar os rapazes e fazer uma visita ao Lar dos Estudantes, onde parece que tudo está bem. Os rapazes assumiram, com garra, a organização e a administração. Respira-se harmonia e alegria. De cara diferente está Luanda que cresce a olhos vistos. Por um lado, constroem-se edifícios para todo o tipo de multinacionais; por outro lado, derrubam-se casas de chapa à medida que se constroem grandes auto-estradas. Fomos ao mercado Roque Santeiro, que é considerado um dos maiores de África, onde dizem que o movimento de dinheiro é tão grande que marca o valor do dólar em relação ao kwana. No meio de tudo isto ainda se pode encontrar a ingenuidade e a alegria que está metida no sangue deste povo. □

## DOUTRINA

Pai Américo



## Porta Aberta

**S**Ó por ouvir falar, é que eu tinha conhecimento de uma Organização de Assistência particular a rapazes da classe e condição destes nossos, que começou em Londres no século passado e hoje se estende a todos os países da Comunidade Britânica, com o nome Casas do Doutor Bernardo. Tinha ouvido falar, sim, mas queria saber. Queria conhecer. Um dia que estive na nossa Aldeia um súbdito de Sua Majestade Britânica e me falou da Obra, logo lhe pedi que me procurasse na Inglaterra elementos de informação e os fizesse chegar às minhas mãos. Fui atendido. É muito pouco o que me enviaram, sim. Um único número do «Magazine for Bernardo Helpers» de Março de 1946. Além de pouco é antigo, mas foi o que me puderam arranjar e com isso me contento.

**V**EM lá uma pequenina notícia a dizer que em Julho de 1945 fizera um século que nasceu o Doutor Bernardo, a quem deram o título de «Pai das Crianças sem ninguém». Diz ainda o autor do pequenino e interessante artigo que ninguém, hoje, é capaz de realizar a oposição, a hostilidade e até a perseguição que ele teve de enfrentar nos primeiros anos de vida da sua Obra, quando os seus feitos eram espreitados e os seus ditos escarnecidos. «Há oitenta anos — continua o artigo — as ruas das nossas grandes cidades eram extremadas de garotos sem casa nem amigos, aos quais ninguém dava um pensamento nem se importava com a sua alma». Começa aqui a acção daquele homem, de quem eu muito gostava de ler a vida e, por isso mesmo, aqui deixo o meu pedido a um leitor que casualmente tenha na sua estante um destes livros, o obséquio de me emprestar. Eu cá prometo furtá-lo às vistas e curiosidade da fauna que me rodeia. De resto, sendo em inglês e não trazendo «macacos», é certo que lhe não mexem.

**E**U já li alguma coisa sobre a vida e Obra do Padre António d'Oliveira e, muito embora ele o não diga nos seus escritos, nota-se quanto teve de sofrer para chegar aonde chegou! Do Doutor Bernardo ouço falar em «hostilidades e perseguições». Quanto não teria ele sofrido! É um privilégio: «Per aspera ad astra». Este conceito era dos antigos. De Cristo para cá diz-se e é doutro modo: a Cruz!

**O** Doutor Bernardo apresenta-se como um inimigo do Institucionalismo. «Enemy of institutionalism». E tendo começado sem opinião nem influência nem dinheiro, no espaço de 40 anos, abrigou em portas abertas 60.000 crianças, às quais deu consoante a personalidade de cada uma. «Porta Aberta» é mesmo o nome da pequenina revista de onde tiro estas informações. «The Open Door». Gosto do nome. Porta Aberta faz crianças abertas.

**A** Obra do Doutor Bernardo é completa. Forma para a vida e coloca na vida. As suas Casas, espalhadas hoje pelos Domínios, têm nome de famílias. Contam-se por milhares de crianças dos dois sexos, achadas sem família, hoje defendidas e educadas em famílias. Dá gosto ver na revista que tenho aqui sobre a mesa, os semblantes e as ocupações e os pomares e os jardins e os campos. É vida a transbordar.

**A** ONDE vão os responsáveis pela Obra buscar o preciso para o seu sustento? Muito simples. Há uma Liga da Presidência de uma pessoa real, a Princesa Margarida. Outros nomes da aristocracia inglesa fazem parte. Há caixas de esmolas espalhadas por toda a parte, nos estabelecimentos e Bancos e sobretudo nas escolas públicas e escolas particulares. No ano de 1946, as caixas renderam a passar muito de cem mil libras — dez mil contos, também a passar.

**D**E uma vez, em viagem para Lisboa, um senhor inglês, que certamente conhece bem a Obra do Doutor Bernardo, disse-me que havia de arranjar uma data de caixas e colocá-las, ele mesmo, em várias casas do Porto e de Gaia. Talvez outros trabalhos o tenham impedido, porquanto a promessa foi há muito tempo e não me consta que haja caixas a pedir.

**M**UITO gostaria eu de ir pessoalmente a Inglaterra percorrer e demorar em algumas destas Portas Abertas. Se tivesse dinheiro à mão, não pedia licença a ninguém; eu sei o caminho. Gostaria de ir. Não que eu fosse ver coisas novas. Não ia. Desta barafunda, que também é Porta Aberta, vê-se como lá é. As mesmas causas produzem necessariamente os mesmos efeitos, em igualdade de circunstâncias. Então quê? Queria ir buscar a confirmação.

Do livro Doutrina, 1.º vol.

## CANTINHO DE FAMÍLIA

Manuel Pinto

## Recordando

**J**Á lá vão 65 anos quando, numa tarde amena de Verão, bati ao portão da jovem Casa do Gaiato, ainda a funcionar nas instalações da antiga Casa Pia, em Paço de Sousa.

Pai Américo não estava, e o «Tiroliro», porteiro de então, aconselhou-me a voltar... Eis como Pai Américo escreveu n'O GAIATO a minha história:

«Em um destes últimos dias, veio dar à nossa porta um rapaz abandonado, de 15 anos de idade. Vinha

todos os dias com o mesmo humor, por isso não podemos ser sempre iguais. Mantemo-nos em forma fisicamente, mas o nosso espírito está sempre em constante mudança devido às nossas dúvidas, problemas, medos... Simplesmente, vamos alterando!...

Seria bom se eu fosse o mesmo, todos os dias. Assim aquele que ralhasse, escusava de o fazer e eu de o ouvir todos os dias!...

Mas, ponho-me na pele de um pensador: - Se me culpo chamam-me de coitadinho, se não quero ouvir chamam-me de ignorante. Então, se rei eu inocente ou culpado?... □

soberanamente andrajoso. Trazia 12 tostões de esmolas. Pediu de comer.

Tinha estado de véspera e fora-se embora à noite por não haver sido escutado, tendo dormido debaixo das estrelas, como ao depois confessara. Havia no semblante do nosso rapaz, sinal de quem estava afeito à vida em comunidade: — Eu já andei num colégio —, disse.

Subimos a escadaria. Mandei sentar. Quis saber. Entrara aos 9 anos para um asilo, órfão de mãe. Entremetido perde o pai. Aos 14, é despedido por virtude dos estatutos.

Vagueou sozinho nas ruas do Porto, sem asas para voar. Procura o seu elemento: — família, amigos, lareira. Ninguém!

É um exposto sem medalha. Madrasta, fora a letra da regra; madrasta a lei do mundo que o ignora. Estrangeiro na Pátria, em demanda do que é seu! Oh mundo, acorda que já é tempo!

Ficou em nossa Casa. Chamou-se o roupeiro que o vestiu, mai-lo cozinheiro que lhe deu de comer. É o mais nobre programa que no mundo se conhece: dar de comer a quem tem fome e vestir os nus. É a matéria certa do tribunal de contas, quando o Justo Juiz as vier tomar a cada mortal!

O pequenino condenado ao desprezo, agora no que é seu, parece outro. Era o tempo das colheitas. Dezenas dos nossos, passam para os celeiros com feixes de abundância, a riscar o espaço com gestos de alegria.

Ele olha, sorri, quer ser camarada: «Nós tínhamos uma quinta mas não era assim; eram criados».

Entrou no regimento. Formou na linha dos trabalhos. Começa a achar gosto.

— Ah! Nós lá não era isto.

— Então que fazias tu?

**Tiragem média  
d'O GAIATO, por edição,  
no mês de Agosto,  
48.466 exemplares**

# A Caridade na Verdade

**C**ONTINUO a *desabafar* a alegria grande que a encíclica me dá, pensando (se calhar não erro) que milhares dos nossos Leitores não a lerão em directo, apesar da «simplicidade, da acessibilidade» que me encantou e traz encantado, tal qual, ainda ontem me confessava um Vicentino dos quatro costados, lhe acontece a ele. Quem dera o mesmo acontecesse a muitos, mormente daqueles que se julgam detentores do saber e do poder para endireitar o mundo!

O capítulo I evoca a encíclica «*Populorum Progressio*» como documento de base desta e não apenas como mais um da doutrina social da Igreja depois da «*Rerum Novarum*». Foi seu autor Paulo VI que eu confidencio aqui ser o Papa do meu coração. Porquê? — não sei. Talvez porque eu contava que Mons. Montini seria o sucessor de Pio XII; mas este esqueceu-se de o fazer Cardeal. *Esquecimentos* que Deus permite e quer, porque o eleito a seguir foi João XXIII!

O ainda Cardeal Roncali, nós, os seminaristas de então, tivemos a graça de o ver e ouvir nos Olivais aquando de uma visita sua a Portugal. Um «Avôzinho» encantador que, tendo nós em primeiro plano a figura majestosa e sábia de Pio XII, nos deixou a pensar que poderia estar ali um santo, mas nunca, decerto, um Papa. Pois foi-o e já beatificado! Porém, naquela irreverência atrevida própria da idade, fiquei zangado quando da sua eleição. Se calhar ele seria capaz de participar na zanga porque, uma vez Papa, logo fez Mons. Montini Cardeal, a abrir caminho para o

seu próximo sucessor. Depois, foi Paulo VI o primeiro Papa que nessa qualidade veio a Portugal. Uma visita politicamente polémica que acompanhei toda pela televisão desde a chegada ao aeródromo militar de Monte Real até Fátima e no regresso ali para voltar a Roma. Talvez isto ajude a explicar a empatia que faz de Paulo VI o meu Papa sem desprimor nem desrespeito para nenhum dos que conheci desde Pio XI. E daí a redobrada alegria com que prossigo este ir tentando respigar algo do que me parece essencial para o conhecimento da actual encíclica, a que Bento XVI associa Paulo VI tão profundamente.

De «*duas grandes verdades parte a 'Populorum Progressio'*»: 1 — «*A Igreja inteira em todo o seu ser e agir, quando celebra e actua na Caridade, tende a promover o desenvolvimento integral do homem*», mesmo quando por limitações que lhe são exteriores, «*fica reduzida unicamente às suas actividades socio-caritativas*». (...) 2 — «*O autêntico desenvolvimento do homem diz respeito unitariamente à totalidade da pessoa em todas as suas dimensões*».

Na verdade sempre foi e é o homem, corpo e alma, o alvo das nossas atenções e das opções fundamentais que ao longo da vida se nos proporcionaram. E bem sabemos, da experiência que a vida nos deu, que «*o homem não se desenvolve apenas com as suas próprias forças, nem o desenvolvimento é algo que se lhe possa dar simplesmente de fora*». (...) *Na realidade instituições sozinhas não bastam, por-*

*que o desenvolvimento humano integral é primeiramente vocação e exige uma livre e solidária assunção de responsabilidade por parte de todos; (...) requer uma visão transcendente da pessoa, tem necessidade de Deus; (...) e só o encontro com Ele permite deixar de 'ver no outro sempre e apenas o outro', para reconhecer nele a imagem divina, chegando assim a descobrir verdadeiramente o outro e a amadurar um amor que 'se torna cuidado do outro e pelo outro'».*

É pois o homem, e a partir de dentro dele, o colaborador indispensado para a realização de um mundo verdadeiramente humano em que, pelo exercício do amor fraterno, reinem progressivamente a Justiça e a Paz. Um mundo que tenda incessantemente para a «nova Terra» prometida pelas Escrituras, que abrirá para a suprema perfeição da cidadania do Céu. Por isso, dar-lhe, na Humildade, o sentido da auto-estima que o tornará capaz de assumir o seu papel de obreiro do mundo segundo o Evangelho — é o sumário de toda a evangelização.

Vocação é uma constante da vida do homem. Chegado a ela, o chamamento nunca cessa ao longo do caminho do grande Encontro para que Deus o convoca. Paulo VI introduz e alarga à vida social este princípio básico.

Que fonte de serenidade para nós é encontrarmos Pai Américo envolvido neste pensamento que, em palavras e acções, foi o guião da sua resposta à vocação sacerdotal!

Padre Carlos

## VISTAS DE DENTRO

Padre Telmo

**P**AI AMÉRICO foi um semeador de sonhos. Tomou cada um e pôs na vida de cada dia. Sonhos reais e de bem.

Víamos os padres da Obra e, deslumbrados, agarramos os sonhos!

Somente lhes daremos vida a partir da nossa fraternidade, comunidade de vida, amor e união fraterna.

Se assim não for — os sonhos vão estiolar...

\*\*\*

Nossa Obra da Rua é um Horto — comunidade-família. Nossas Casas são canteiros com Rapazes — plantas e flores.

Deixemos que o Senhor as cuide.

O Seu sol!

A Sua chuva!

Deixa só...

Não se vê subir a seiva, nem se sente o beijo do sol pela manhã — invisíveis, mas presentes!

Fica quietinho — quebra teu caco. O Senhor está!

\*\*\*

Comunidade-família é o lugar onde descobrimos e amamos o rosto dos irmãos. Temos o mesmo Pai — «Pai nosso!»

«O rosto do 'outro' tem que tornar-se precioso aos nossos olhos.»

Pelo sentido de pertença, conversão, empenho, correcção fraterna, diálogo, esperança na mudança e formação do coração.

Sejamos construtores de famílias.

\*\*\*

No passado fim-de-semana foi o encontro dos nossos de África. Lá estiveram oito dos dez que, em 1963, começámos a nossa Casa de Malanje. É sempre bom, muita alegria!

Todos têm filhos, alguns já netos. É um reviver contagiante de todos os nossos momentos duros e gratificantes da fundação da nossa Casa — família malanjina. □

## PENSAMENTO

Pai Américo

*A Igreja de Cristo não pode quedar. Ela é acção por natureza. Não podemos viver dos feitos dos primeiros Apóstolos; temos de fazer como eles fizeram. Sair para a rua. Conquistar. Dar a mão às algemas. Lutar. Só desta maneira é que caem os falsos deuses.* □

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

**A**S feridas humanas relatadas aqui, têm feito sangrar também o coração de muita gente de boa vontade e de Fé.

O que vou expor evidencia claramente esta afirmação, e, eu não, faço mais que pôr a luz no candelabro, como manda o Mestre, embora de feição anónima, à maneira evangélica.

Alguém do Redondo, 500,00 euros e uma ânsia irreprimível de santidade. Que o Espírito de Deus nos ouça!

Da Rua Sampaio Bruno, de Lisboa, Amiga que reza o rosário todos os dias, 150,00 euros. Maria, de Coimbra, pergunta por férias. Diz que não há, e envia mil euros para os pobres a pedir-me «*que se lembre de mim, nas suas orações, para que Deus me dê paciência para aguentar o sofrimento e a doença*». Da mesma casa, vêm mensalmente 100, 00 euros, sem querer nem recibo nem agradecimento. Ali há Fé viva!

De Pereira, sai uma comunhão de vida, acompanhada de 50,00 euros amidadas vezes.

Da assinante 2419, com destino à doente com quatro crianças, 200,00 euros. A mesma quantia, de Odivelas, de Senhora que está presa a uma cadeira de rodas.

Viúva muito nova, por alma do marido: mil euros. Celebro, sim, com todo o carinho e fé, mas creio também que Deus é muito glorificado com tais esmoladas!

De Oeiras, «*muito obrigada pelo envio sempre atempado do vosso jornal, a cuja leitura, dou muito apreço*», 200,00 euros. Assinante 20174, 100,00 euros. Com paz e bem, de Lisboa, mais 40,00 euros e metade de Vinhais.

Do Jaime «*como auto-construtor, sei o que é sofrer para ter uma habitação digna*», 100,00 euros. O Alfredo, da Amadora, transfere para a conta do Património, 400,00 euros. Outra vez, Coimbra: «*Para ajudar os nossos pobres*», 100,00 euros. Como me agrada este possessivo! Ai que se todos os homens assim fizessem, a pobreza seria eliminada!

O Tiago, de Lisboa, mandou dois mil euros e, encontrando-me na Arrábida, revelou-me a sua secreta disposição de, se for preciso, pagar particularmente a operação da mãe dos quatro filhos! Bendito seja Deus que nos revela estas grandezas de alma!...

Com um abraço «*para ajudar essa espantosa organização, denominada, Património dos Pobres*», 500,00 euros.

A Teresa, de Coimbra, discretamente, pôs no envelope um cheque de mil euros. Assinante 65431, do Porto, 200,00 euros.

Rua de S. Geraldo, de Braga, a desejar boas férias, 100,00 euros. Nós somos pobres. Não temos férias!

A Helena, de Cascais, sempre com a dor das suas filhas, 160,00 euros dela, da Rosa Alves e da Capelinha da Sagrada Família. Mais, Braga, Rua de Santa Margarida, 250,00 euros.

Outra vez, Coimbra, «*é uma leitura que me interessa. É um jornal que leio de fio a pavio*», 200,00 euros; e a mesma quantia, da Maria Irene, da Alemanha.

Iluminada pelo Espírito Santo, Maria Susana, chega mensalmente com 50,00 euros.

O Guilherme, do Estoril «*com uma migalhinha para o rapaz que, felizmente, deixou o ovelheiro*», dois mil euros.

A Maria Assunção, da Covilhã, envia mil e quinhentos euros, mais 50,00 euros para a assinatura. Não fomos multados e passamos sempre recibo. É uma questão de justiça que cumprimos logo que nos seja pedido o contrário.

Maria Graziela, de Lisboa, assídua na contribuição, 30,00 euros.

Da mesma cidade, 150,00 euros e «*o que envio agora é muito inferior às duas moedas que a pobre viúva deixou na arca, mas é acompanhado de uma oração*».

Mais, um vale de Olivais Sul e 150,00 euros «*para as necessidades prementes dessa magnífica obra, que é o Património dos Pobres*».

Carregal do Sal: «*Gosto muito de ler o Gaiato*», 100,00 euros, «*É o pagamento de uma promessa que fiz*».

«*Que o Senhor vos acompanhe e vos fortaleça com o selo do Espírito Santo*», 100,00 euros. Uma assinante de Paço de Arcos, 150,00 euros.

Ponte de Vagos, «*pelas almas dos nossos antepassados*», 100,00 euros.

De Ovar, «*para suprir tanta necessidade*», 150,00 euros. «*Que bom é ler o Património dos Pobres no vosso querido O GAIATO*». Assinante 22890, 50,00 euros.

«*Li que o senhor tem um projecto: — vai comprar uma casinha para um pobre e dar-lhe condições de dignidade (...) vou entrar nesse projecto com 50,00 euros*». Eu julguei que poderia alcançar esse terreno e casa por 40 ou 50 mil euros. Pedem-me 110 mil euros. Espero por outra ocasião, pois, é mais do dobro do real valor.

Filipe, de Leça do Balio, 15,00

euros e, «*Só Deus sabe quanto aprecio a Obra que tem salvo tantos rapazes e tantas famílias!*». Um juiz conselheiro, 250,00 euros. «*Tirado à minha pequenina pensão 50,00 euros*» e «*O Património dos Pobres é uma Obra verdadeiramente admirável*».

De Braga, outra vez, 40,00 euros.

«*São mil euros, pois nunca me fez falta, o que tenho a felicidade de partilhar com quem tem menos do que eu*», diz a assinante 30830.

«*Mas, porque será que nos sentimos mais tocados pelo O GAIATO e o seu Património dos Pobres?*», 100,00 euros de uma leitora do jornal O GAIATO.

De Carvalhosa, a lembrar-me o Padre Horácio, a desabafar as suas doenças e incapacidades. 50,00 euros.

A sobrinha de um grande sacerdote, amigo dos Pobres, a evocar o seu tio e as suas recordações. 300,00 euros.

De Espinho: Maria Filomena, dois mil euros com «*silêncio eloquente*» e 100,00 euros da Maria Narcisa.

A nova direcção postal do Património dos Pobres:

**Casa do Gaiato de Setúbal  
Algerúz  
2910-281 Setúbal.** □